

**LITERATURA, POLÍTICA E ENGAJAMENTO: TENSÕES E
CONTRADIÇÕES IDEOLÓGICAS ENTRE MARIO BENEDETTI E MARIO
VARGAS LLOSA**

**LITERATURE, POLITICS AND ENGAGEMENT: TENSIONS AND
IDEOLOGICAL CONTRADICTIONS BETWEEN MARIO BENEDETTI AND
MARIO VARGAS LLOSA**

Victor André Pinheiro Cantuário ¹

Universidade Federal do Amapá

Paulo César Andrade da Silva ²

Universidade Estadual Paulista

Resumo: O estudo analisa o debate entre Mario Benedetti e Mario Vargas Llosa no jornal *El País*, em 1984. Pretende-se demonstrar que as tensões e contradições ideológicas resultantes do confronto fazem parte de um contexto sociopolítico mais amplo, o da América Latina, manifestando-se na forma de posicionamentos que passaram a se confrontar desde 1950. Fica evidente que o elemento motivador da querela foi a divergência no posicionamento político dos escritores. Além disso, o debate mostra que tanto Benedetti quanto Vargas Llosa compreenderam o princípio do escritor engajado de Jean-Paul Sartre como um compromisso irrecusável que todo escritor deveria seguir e praticar.

Palavras-chave: Mario Benedetti; Mario Vargas Llosa; El País; Jean-Paul Sartre; escritor engajado.

Abstract: The paper presents and discusses the debate between Mario Benedetti (Uruguayan writer) and Mario Vargas Llosa (Peruvian writer) in the Spanish Newspaper *El País* in April and June 1984. Through the analysis of the four articles published by them, the paper wants to demonstrate that the ideological tensions and contradictions that are visible in the debate are part of a broader sociopolitical context, that of Latin America of the late 1950s, when positions were manifested in favor of left or right political ideology. It is evident that the motivating element of the quarrel was the divergence in the political direction of both. Furthermore, the articles show that both Benedetti and Vargas Llosa understand Jean-Paul Sartre's principle of the engaged writer as an undeniable commitment that every writer must follow and practice.

Keywords: Mario Benedetti; Mario Vargas Llosa; El País; Jean-Paul Sartre; engaged writer.

¹ Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/FCL-Ar). Mestrado em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira e Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia (FACINTER). Graduação em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e em Filosofia pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Professor da Universidade Federal do Amapá.

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/FCL-Ar). Professor da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/FCL-Ar).

Recebido em 14 de julho de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

Introdução

A segunda metade do século XX marcou o destino de alguns países da América Latina como Paraguai, Brasil, Peru, Uruguai e Chile³ com a instalação de regimes ditatoriais unidos sob a bandeira da luta contra o comunismo e a preocupação com a segurança nacional.

Esse evento obrigou aqueles que não foram favoráveis aos regimes a unirem-se com a intenção de resistir internamente ou de deixar seus países devido a perseguições e prisões, desaparecimentos e temor pelas suas vidas a fim de combater a ditadura de fora, mas na condição de exilados.

O escritor uruguaio Mario Benedetti (1920-2009), após tentativa inicial de resistência (Campanella, 2020), foi um daqueles inscritos no segundo grupo, pois, em 1973, meses após o golpe militar que instaurou a ditadura no país, viu-se obrigado a deixá-lo, residindo em vários lugares antes de se estabelecer na Espanha, como noticia Colominas (1980).

Benedetti retornaria ao Uruguai somente em 1985, com o fim da ditadura, tendo vivido, portanto, mais de dez anos na condição de exilado sem, contudo, haver interrompido a sua produção literária e mantendo a firmeza nas suas convicções políticas.

Por sinal, foi da crença na revolução como caminho para o surgimento de sociedades mais justas e igualitárias que se tornou amigo de outros escritores, entre os quais, Mario Vargas Llosa (1936-), com que travaria uma conhecida polêmica em 1984, tendo como palco as páginas do jornal espanhol *El País*.

Amplamente premiados, ambos os escritores⁴, que se tratavam e eram tratados como *tocayos*⁵, compartilharam dos mesmos ideais nos anos de 1950 e 1960. Apoiaram

³ Essa disposição pretende seguir a cronologia do início da ditadura em cada país: Paraguai (1954-1989), Brasil (1964-1985), Peru (1968-1975), Uruguai (1973-1985) e Chile (1973-1990).

⁴ Benedetti e Vargas Llosa são incluídos no chamado *boom* da literatura latino-americana (Williams, 2014; Campanella, 2020), ainda que o nome do segundo esteja mais associado a esse evento e seja mais citado que o do primeiro. Tratou-se de um fenômeno literário que marcou os anos de 1960 e 1970 com a divulgação das obras de escritores como Gabriel García Márquez (colombiano), Julio Cortázar (argentino), Carlos Fuentes (mexicano), entre outros, para além das fronteiras da América Latina.

⁵ Homônimos ou, popularmente, xarás. Pessoa que tem o mesmo nome da outra.

a Revolução Cubana, engajaram-se no debate público e posicionaram-se contra o chamado imperialismo⁶ daqueles países nos quais reconheciam tal prática.

Ocorre que por discordar da administração cubana revolucionária, Vargas Llosa passou a condená-la e a negar seu vínculo com a linguagem e as pautas do socialismo, atravessando um processo de conversão, para usar expressão de Boron (2019), que o fez sair da esquerda e migrar para a direita, posicionando-se a partir dos anos de 1970 como liberal, processo que descreveu em sua autobiografia *O chamado da tribo*, publicada em 2018 (Vargas Llosa, 2023).

Um dos eventos que o escritor peruano menciona como responsável pela sua ruptura com aqueles ideais foi o caso Padilla, ocorrido em 1971.⁷ Além disso, viagem à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1968, já havia lhe deixado uma impressão amarga de governos socialistas, conforme declara na citada autobiografia (Vargas Llosa, 2019a).

Desde então, o escritor peruano tem se dedicado a difundir os princípios do liberalismo por onde passa, frequentemente pronunciando-se sobre a situação política de vários países da América Latina, mas a despeito da ruptura ideológica, sua amizade com Benedetti se manteve, ainda que o contato não tenha sido constante. Até que em 2 de janeiro de 1984 concedeu uma entrevista ao jornalista italiano Valerio Riva, da revista *Panorama*, na qual fez críticas ao posicionamento político de vários escritores de seu continente, citando nominalmente Benedetti (1984a).

Em resposta, o uruguaio decide se manifestar escrevendo um artigo no *El País*, do qual era colaborador. Esse primeiro texto deu origem a um debate envolvendo ambos os escritores em abril e junho do mesmo ano, considerado tanto por um quanto por outro um debate de ideias que não se desviou para a agressão (Jarque, 1984; Vargas Llosa, 2019b).

Apresentar e discutir alguns detalhes envolvidos no debate, bem como averiguar suas causas e efeitos são o objetivo traçado para o estudo. Ademais, a partir da leitura dos quatro artigos, compreende-se ainda que as posições de Benedetti e Vargas Llosa sejam problematizadas em associação com o conceito de intelectual engajado proposto e debatido por Sartre (2015) no ensaio *Que é a literatura?*

⁶ O dicionário da Real Academia Española (2023) define a palavra como prática ou doutrina de países que buscam a sua expansão territorial através de ações militares, reformas econômicas ou projetos políticos.

⁷ O escritor cubano Heberto Padilla foi preso em 1971 e acusado de traição ao regime. Solto somente após se retratar publicamente. Para alguns intelectuais de esquerda, isso significou o fim das relações com o governo de Havana (Urdaci, 2022).

1. Mais que um debate de ideias?

Exilado desde 1973, Benedetti residia em Madrid na época do debate travado com seu homônimo, no ano de 1984. Segundo Williams (2014), a família de Vargas Llosa se estabeleceu em Lima, capital do Peru, onde residiu de 1974 até 1991, apesar de constantes viagens pela Europa e os Estados Unidos realizadas pelo escritor.

Esses dados são importantes para posicionar os protagonistas do evento em lugares opostos geograficamente e demonstram como tensões de natureza variada movimentaram figuras bastante conhecidas da cena literária latino-americana, personagens que se tornaram célebres a partir da segunda metade do século XX.

Benedetti e Vargas Llosa foram colunistas do jornal espanhol *El País* (2023a), segundo é possível de se confirmar através do uso do buscador na página *on-line* do periódico.⁸ O primeiro inicia sua colaboração em 30 de setembro de 1982⁹, finalizando em 16 de agosto de 2003. O segundo iniciou em 24 de abril de 1980 e seu texto mais recente é de 17 de dezembro de 2023. Quanto ao tom, os textos de Benedetti variam da literatura à política. Os de Vargas Llosa possuem um maior apelo político, com críticas a figuras e governos de esquerda.

Três meses após a entrevista do escritor peruano a Riva, Benedetti inicia o debate publicando um primeiro artigo no *El País*, em 8 de abril de 1984 (*Ni corruptos ni contentos*). A resposta de Vargas Llosa veio em dois artigos, um de 13 (*Entre tocayos/1*) e outro de 14 de junho (*Entre tocayos/y 2*). O uruguaio reage publicando o texto que aparentemente dá fim à discussão em 17 de junho (*Ni cínicos ni oportunistas*).

Em seu primeiro artigo, Benedetti (1984a, n.p.) ocupa-se de evidenciar que Vargas Llosa, em “uma virada espetacular”¹⁰, passou da esquerda para a direita e que, em razão dessa conversão, “tem mostrado certa preocupação em explicar suas preferências e desencantos políticos.”¹¹

Entre suas preferências estão a defesa do liberalismo e o apoio a políticos que considera exemplos na e para a América Latina. Entre seus desencantos estavam o fato de ter sido simpático ao Partido Comunista, seguido a Revolução Cubana, lido escritores

⁸ A presença do *El País* na internet iniciou no ano de 1996 (El País, 2023b).

⁹ O artigo publicado na página *on-line* do *El País* traz essa data, mas no livro em que Benedetti (1984c) reuniu a sua colaboração com o jornal até 1984, consta 1 outubro de 1982. A mesma divergência se repete nos artigos do debate: o primeiro está com a data de 8 de abril na página *on-line*, mas 9 de abril no livro. O segundo publicado em 17 de junho na página *on-line*, mas 18 de junho no livro.

¹⁰ No original: “un viraje espectacular”. Os autores respondem pelas traduções.

¹¹ No original: “ha mostrado cierta preocupación por explicar sus preferencias y desencantos políticos.”

como Jean-Paul Sartre com tanto fervor a ponto de se sentir apunhalado ao perceber que suas obras se resignavam à realidade em vez de servirem para transformá-la (Vargas Llosa, 2019a).

Segundo Benedetti (1984a), essa nova visão de mundo fez com que Vargas Llosa passasse a destratar publicamente escritores e intelectuais latino-americanos de esquerda, qualificando-os de zumbis ou robôs, que de maneira condicionada, como o cão de Pavlov¹², obedeciam aos líderes que representavam a sua força política, sem ousar desafiá-los.

Para Vargas Llosa, alguns dos principais escritores que estariam nessa categoria seriam Gabriel García Márquez e Julio Cortázar, entre outros de uma lista numerosa. Ao seu turno, Benedetti (1984a) vê uma forte contradição na atitude do peruano ao afirmar que seus ataques à esquerda findaram por lhe trazer mais benefícios e elogios que prejuízos, entrando em flagrante conflito com a ideia de liberdade que passou a defender desde que se tornou liberal. Parece ser, como propõe Boron (2021), uma liberdade tão seletiva quanto sua memória.

Ao fim, soa a Benedetti (1984a, n.p.) que os elogios de Vargas Llosa somente são dirigidos àqueles que compartilham das suas ideias, caso contrário, serão objeto de seus agravos¹³ e insultos. Insultos esses que o escritor uruguaio chama de “golpe baixo” e “jogo ilícito”¹⁴ de alguém que se escora na fama conquistada para agir de tal maneira e não é compatível, em última instância, com a expressão de quem defende como dever de todo intelectual o de ser livre, inclusive livre para se manifestar.

Em sua primeira intervenção, Vargas Llosa (1984a) se justifica pelo atraso na resposta ao amigo, seguindo para o tratamento e comentário da questão que considera a tarefa do seu artigo: responder às supostas ofensas levantadas pelo *toçayo*, no texto de 8 de abril, que seriam provenientes de suas falas, das quais a inicial é o título da entrevista a Riva.

O escritor peruano esclarece que a autoria do título pertence ao jornalista italiano, acrescentando que acredita não ser possível o debate intelectual se o caminho dos

¹² De maneira simples, o experimento do fisiologista russo Ivan Pavlov consistiu em treinar um cão para salivar toda vez que ouvisse uma campainha. Esse estudo contribuiu para o desenvolvimento formal das teorias do condicionamento em humanos e outros animais (Gantt, 2022).

¹³ Benedetti usa *agravio* duas vezes em seu primeiro artigo para se referir às palavras de Vargas Llosa contra si e outros escritores latino-americanos. De acordo com a Real Academia Española (2023), o termo significa “ofensa à fama ou à honra de alguém”. No original: “ofensa a la fama o al honor de alguien”.

¹⁴ No original: “golpe bajo”, “juego ilícito”.

interlocutores é a ofensa (Vargas Llosa, 1984a). Afirma, ainda, que não há um texto sequer assinado no qual tenha seguido essa estrada, mas que não pode dizer o mesmo das entrevistas concedidas, principalmente, se o tema for a política na América Latina.

Reagindo aos apontamentos de Benedetti, o incômodo de Vargas Llosa (1984a, n.p.) está na impossibilidade de compreender como escritores do porte de Pablo Neruda (chileno) e Alejo Carpentier (cubano), que desafiaram a tradição literária com “audácia e liberdade”¹⁵, tenham se prostrado docilmente na defesa de dogmas e ideologias duvidosos, fazendo uso de seu prestígio para tanto. A isso, chama de “extraordinário paradoxo”¹⁶ e aqui é possível notar que devolve a acusação levantada pelo escritor uruguaio a seu respeito.

Um ponto de interseção é proposto a partir de então por Vargas Llosa (1984a, n.p.) quando defende, acreditando que Benedetti também está de acordo, que um escritor seja “rigoroso, honesto e audaz”¹⁷ tanto em sua produção literária quanto nas opiniões políticas. Afinal, sustenta, “[n]a América Latina, um escritor não é apenas um escritor.”¹⁸ É alguém que possui responsabilidade para com os outros porque pode influenciá-los, bem como auxiliar na busca de soluções para os terríveis problemas do continente.

Diante da colocação, Vargas Llosa (1984a) finaliza seu artigo reforçando que é tão contrário às ditaduras instaladas na América Latina quanto Benedetti, mas questiona pelo que elas deveriam ser substituídas: por governos democráticos ou por ditaduras explicitamente associadas à esquerda?

Em sua segunda intervenção, o escritor peruano segue na defesa da democracia contra regimes ditatoriais, ressaltando que é a favor daqueles “[g]overnos nascidos de eleições e que garantam um estado de direito no qual ninguém seja discriminado em razão de suas ideias”¹⁹ (Vargas Llosa, 1984b, n.p.).

Vargas Llosa (1984b) acrescenta ao comentário que eleições não excluem a possibilidade de um partido de esquerda ser vencedor e estatizar a economia, expressando que não desejaria tal sorte para o seu país, em razão de sua visão liberal de mundo, mas respeitaria a vontade popular, mantendo-se firme na defesa da liberdade da mesma forma que na condenação das ditaduras, sejam de esquerda ou de direita.

¹⁵ No original: “audacia y libertad”.

¹⁶ No original: “extraordinaria paradoja”.

¹⁷ No original: “rigurosos, honestos y audaces”.

¹⁸ No original: En América Latina, un escritor no es sólo un escritor.”

¹⁹ No original: “Gobiernos nacidos de elecciones y que garanticen un estado de derecho en el que nadie sea discriminado en razón de sus ideas.”

Apesar da sua defesa da convivência harmônica e dialógica entre perspectivas variadas em uma dada sociedade, como demonstram Boron (2019, 2021) e diversas entrevistas ou reportagens apurando as opções políticas de Vargas Llosa na América Latina e em outros continentes, o escritor peruano tem sido simpático à vitória de políticos de direita e extrema-direita em eleições ainda que publicamente estes sejam defensores de regimes ditatoriais²⁰, entrando em contradição, portanto, com a sua defesa da liberdade.

O escritor peruano finaliza seu artigo informando que devido às constantes acusações feitas contra si é obrigado a dedicar muito de seu tempo para esclarecer o que não é e aquilo que politicamente não apoia, reforçando ser frontalmente opositor de regimes que perseguem, exilam e matam quem a eles se opõe. Acrescenta também que é necessário a escritores como Benedetti admitirem a falibilidade das posições ideológicas, sempre passíveis de revisão e aprimoramento através do diálogo com os adversários (Vargas Llosa, 1984b).

Com ironia, Benedetti (1984b) retorna no segundo artigo seus comentários ao *tocayo* iniciando com a observação sobre o mal-entendido a respeito do título da matéria dado por Riva, que Vargas Llosa buscou esclarecer. Contudo, em nova entrevista a um jornal holandês, após a publicação do primeiro texto do uruguaio, ao ser questionado, o escritor peruano teria qualificado seus pares latino-americanos de “cínicos e oportunistas”.²¹

Benedetti (1984b) utiliza o momento para destacar que as divergências entre os escritores são bem mais que literárias, isto é, o tom político e ideológico é, de fato, o elemento desagregador entre ambos a ponto de haver definido que estavam em grupos opostos (Benedetti, 1984a, 1984b): nós (esquerda ou revolução) *versus* eles (direita, ditadura ou extremismo ideológico), ao que o peruano reagiu criticando a limitada visão de seu amigo nas letras (Vargas Llosa, 1984b).

²⁰ Durante as últimas eleições para a presidência do Brasil, Vargas Llosa manifestou-se a favor da vitória de Jair Bolsonaro, justificando que, mesmo com aquilo que chama de “palhaçadas”, preferia o candidato da extrema-direita (Carneiro; Bernardes; Lopes, 2022). Aliado a isso, cabe recordar que nas eleições para a presidência do Peru, em 1990, Alberto Fujimori, candidato pela esquerda, derrotou o escritor que representava uma coalização de direita. E nas eleições de 2021, Vargas Llosa apoiou Keiko Fujimori, filha do ex-presidente, representando dessa vez a direita. Para Domínguez (2021), esses fatos indicam que o compromisso do escritor não é com a liberdade do povo e a democracia, mas com a liberdade econômica ou do mercado.

²¹ No original: “cínicos y oportunistas”.

Uma observação que Benedetti (1984b) faz a Vargas Llosa sobre a defesa de governos legitimamente eleitos, teoricamente representando a vontade do povo, é a sua completa exclusão das revoluções ao longo da história como movimentos populares que pretenderam derrubar regimes opressores.

Cabe destacar que tanto a respeito de um caso quanto de outro há importantes apontamentos a serem feitos. A respeito de governos eleitos, casos se multiplicam de indivíduos que se mantiveram no poder, à direita e à esquerda, usando as eleições para transparecerem a ideia de que suas vitórias representavam uma escolha popular legítima. No mesmo sentido, revoluções foram instrumentos para a instalação de governos que logo passaram a praticar exatamente aquilo contra o qual lutaram.

Dando prosseguimento, da mesma forma que Vargas Llosa (1984a) mostra não compreender o envolvimento de intelectuais latino-americanos em situações politicamente condenáveis, Benedetti (1984b) demonstra não compreender a participação e o envolvimento de seu *tocayo* com grupos semelhantes ao movimento religioso Moon, conhecido como Igreja da Unificação.

Dois anos após o debate, Vargas Llosa (1986) publicou um artigo no *El País* para esclarecer que não possuía qualquer vínculo com a instituição. Ademais, aproveitou a oportunidade para informar que não nutria simpatia nem por religiões já consagradas nem por seitas de qualquer natureza.

Seja a falta de aceitação do uruguaio sobre a questão apenas um recurso retórico, não é difícil justificar o motivo da associação do escritor peruano com este movimento identificado como seita em reportagens (Charles, 2022), o qual tem entre suas bandeiras o expresso combate ao comunismo como ideologia, dadas as raízes de seu fundador, Sun Myung Moon, que nasceu na Coreia do Norte em 1920 (Universal Peace Federation, 2023).

Benedetti (1984b) finaliza seu artigo mantendo a mesma linha de discordância ideológica que primeiro suscitou o debate com Vargas Llosa, mas tece elogios à sua obra nos mesmos termos que o peruano o fez em seus dois textos. A intenção desse posicionamento é efetivamente de deixar claro como cada um reconhece os méritos literários do outro e que seu debate pode ser devidamente categorizado como de ideias. Um lugar no qual seguramente discordam sobre qual a cor da injustiça, destaca o uruguaio.

2. O engajamento é o caminho para os escritores?

Textualmente, Sartre é um dos intelectuais que Vargas Llosa (2019a) cita como referência em seus anos de formação política e da mesma forma é citado como exemplo de escritor com o qual se desiluiu em razão de questões anteriormente comentadas.

Sartre (2015) é também autor de um ensaio, *Que é a literatura?*, publicado primeiramente no ano de 1947, no qual se propõe a tratar da arte da escrita, contudo, sem partir da série de preconceitos que a seu ver são relacionados ao ofício do escritor, ainda mais quando partilha do engajamento como posição e princípio.

Por sinal, a leitura do filósofo francês inspirou o espírito de rebeldia e o incômodo literário em Benedetti (Campanella, 2020). Além disso, a sua discussão sobre a função social e a responsabilidade do escritor irão impactar a obra do uruguaio que no ano de 1951 publica um conjunto de ensaios (*Marcel Proust y otros ensayos*) no qual se coloca reflexões da mesma ordem.

Essa, portanto, é a pista que une Sartre ao debate entre os dois *tocayos*. A liberdade como dever reforçado por Vargas Llosa e o compromisso do escritor destacado por Benedetti. Mas não poderia esta assertiva se estender a todo escritor, em qualquer lugar? E qual o valor da liberdade para um e outro?

É evidente que o peruano está mais atento ao que ocorre em seu continente quando assim se dirige a Benedetti. Não que ignore o restante do mundo, porém, quer despertar o olhar para a complicada situação política da América Latina ao longo do século passado, quando trava diálogo com o uruguaio. Ocupando opostos ideológicos, é visível que cada um dos debatedores interpreta o princípio do escritor engajado de maneira divergente, bem como compreende a ideia de liberdade distintamente.

A liberdade é muito cara ao uruguaio, em razão de sua condição de exilado. Além disso, o escritor afirma que não há como encontrar satisfação diante da fome e da perseguição política que constantemente rondam a América Latina, mas considera que o engajamento se faz presente no esforço diário daqueles que como ele lutam com e através da palavra tentando “convertê-la em literatura, ou seja, em patrimônio de todos” (Benedetti, 1984^a, n.p.)²²

A liberdade é cara ao peruano porque constitui esse dever irrecusável do escritor como intelectual. Para ele, fica já evidente que o engajamento se dá na comunicação persistente do autor com sua obra e a realidade em que vive, uma responsabilidade que

²² No original: “convertirla en literatura, es decir, en patrimonio de todos.”

não pode ser negada. A obra não pode espelhar projetos contrários a essa proposição sob o risco de se esvaziar na propaganda política e no “obscurantismo ideológico” (Vargas Llosa, 1984^a, n.p.).²³

A despeito das divergências, ambos poderiam ser categorizados como engajados se se aceitar a proposta enunciada por Sartre (2015, p. 29-30) de que “o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, sua inteira responsabilidade.” Acaso não é isso que buscam realizar nos artigos, para além de suas obras (prosa, poesia, teatro), já que, em primeiro lugar, escolheram se engajar com a palavra?

Um outro aspecto importante no debate são os apontamentos levantados por Vargas Llosa (1984a) sobre o suposto silêncio ou esquecimento de Benedetti em relação aos escritores que teriam sido assassinados, presos ou torturados pelo governo cubano revolucionário. O uruguaio esclarece que não se trata nem de silêncio nem esquecimento. Para ele, o fato é que “o Governo revolucionário não matou nenhum escritor” (Benedetti, 1984b).²⁴ E devolve como inquietação a observação de que o peruano reconhece seu processo de mudança como libertação, mas sequer menciona a revisão ideológica pela qual passaram Neruda e outros escritores, aparentemente silenciando em tal quesito.

Nesse sentido, Sartre (2015, p. 30) observa que “se um escritor decidiu calar-se diante de determinado aspecto do mundo,” é válido apresentar-lhe o seguinte questionamento: “Por que você falou disso e não daquilo, e já que você fala para mudar, por que deseja mudar isso e não aquilo?” (Sartre, 2015, p. 30).

Esse é um questionamento que se considera possível de ser feito tanto a Vargas Llosa quanto a Benedetti já que pelo posicionamento ideológico explicitamente oposto acabam por defender uma visão de mundo que se relaciona inevitável e restritamente com as suas convicções, o que pode representar um fechamento dialógico para o outro, para suas perspectivas e para suas expectativas sociais.

Acredita-se que romper esse fechamento é fundamental para que possam se engajar nos termos propostos pelo filósofo francês para quem apenas “uma vontade decidida, como uma escolha, com esse total empenho em viver que *constitui* cada um de nós” podem dar o verdadeiro sentido do engajamento entre autor e obra (Sartre, 2015, p. 37, *itálico do autor*). Caso contrário, optando por “uma passividade abjeta, colocando em

²³ No original: “obscurantismo ideológico.”

²⁴ No original: “el Gobierno revolucionario no ha matado a ningún escritor.”

primeiro plano seus vícios, suas desventuras e suas fraquezas” (Sartre, 2015, p. 37), afastam-se inevitavelmente daquele objetivo.

Vê-se que as desventuras estão em primeiro plano em um caso e outro, alimentadas pela desilusão com a revolução que deveria salvar e redimir a humanidade e pelo abandono que se materializa na obrigação de sair de sua terra, deixando para trás bem mais que apenas um chão conhecido. Mas no fundo, o mesmo cenário serve de plano para ambos: a ideologia e suas armadilhas, contendo aquilo que nenhum dos dois pode combater: a vontade alheia na sua ânsia de dominar porque acreditar em uma das duas causas implica em fechar os olhos para as suas contradições internas e se fortalecer nas e das possíveis falhas que vislumbra no outro.

Não se ignora o fato de que o próprio Sartre indicou um direcionamento ideológico para a realização do engajamento. Contudo, na condição de princípio filosófico, compreende-se que a ideia do escritor engajado não se enclausura no contexto em que foi gestado, permitindo a sua atualização conceitual, pois, como assevera Souza (2016, p. 273), “mesmo quando não mais parece ter a força de meados de [19]40, o engajamento ainda conserva seu aspecto fundamental, que é o do reconhecimento recíproco de liberdade [entre autor e leitor]”.

O engajamento do escritor é, inevitavelmente, um conceito de época. Pertence a um momento histórico violentamente marcado pela voz de uns poucos (líderes) contra o silêncio de multidões. Ainda assim, o contexto que permitiu as reflexões de Sartre, com todas as críticas que têm sido feitas ao filósofo e à sua obra²⁵, não é um horizonte que deixou de ser possível. A situação política, não apenas na América Latina, é tão delicada quanto no momento em que Benedetti e Vargas Llosa debateram.

Se no fundo desse diálogo a ideologia entra em choque, no primeiro plano ambos buscam evidenciar as virtudes da liberdade e da democracia, contra o silenciamento e as práticas de perseguição, ainda que cada um as compreenda de sua janela que se volta para o mundo.

Em 14 de novembro de 2020, Vargas Llosa celebrava no *El País* os trinta anos de sua coluna *Pedra de Toque*, ressaltando como pôde de maneira livre se manifestar nesse espaço de debate. Mas algo que chama a atenção no artigo desse dia é o fato de o

²⁵ O artigo de Costa (2009) pretende evidenciar as contradições e críticas de Vargas Llosa a Sartre, tendo como eixo de discussão o livro *Contra viento y marea* no qual o escritor peruano reuniu textos de jornal, entre outros. Campanella (2020) menciona que nesse livro constam os artigos resultantes do debate com Benedetti.

romancista peruano voltar ao conceito do escritor engajado. Defendendo que jornalismo é sinônimo de liberdade, assim se explica:

Os existencialistas franceses e, em especial, Sartre tiveram uma influência enorme na minha adolescência. [...] Hoje, muitas coisas nas quais acreditei graças a eles não fazem sentido ou as detesto, mas não a ideia sartriana do escritor que deve se comprometer – *s'engager* – sem se perder na fantasia, empenhando-se na batalha ideológica aqui e agora. [...] sempre acreditei no “compromisso” do escritor e este tem estado presente na minha vida como jornalista (Vargas Llosa, 2020, n.p.).²⁶

Nesse verdadeiro depoimento a favor do engajamento, Vargas Llosa retoma um aspecto da leitura do filósofo francês que é fundamental para a compreensão de como se dá a adesão (voluntária) do escritor a esse princípio de conduta pessoal: a decisão de se engajar na palavra a fim de por meio dela contribuir para a transformação das coisas não é uma tarefa para o passado ou o futuro, é para o *aqui e agora*, isto é, para o presente, já que como diz Sartre (2015), o escritor não escreve para si, mas para os outros, ele não define, projeta, e aquilo que projeta não fica em si, mas é entregue ao leitor como produto de seus esforços.

Não resta dúvida de que Benedetti e Vargas Llosa se apresentam como escritores profundamente engajados com aqueles aos quais dirigem suas palavras. É uma escolha, mas ao mesmo tempo o reconhecimento de uma dupla liberdade: a sua e a do leitor com o qual dialogam.

No último artigo, Benedetti (1984b) acentua que tanto ele quanto Vargas Llosa estão cientes de que o jogo de argumentos envolvidos no debate não tem por objetivo convencer o outro. Reconhece também que as diferenças expostas ultrapassam o domínio do literário. Então para que debatem? Para abrir canais de comunicação que permitam informar, instruir, retificar, falar com e ao leitor. Tudo em função deste sem o qual a vitalidade do escrito perde o sentido de ser. Neste caso específico, sem Benedetti, Vargas Llosa escreveria para si? Sem Vargas Llosa, Benedetti informaria o que e a quem? Sem o outro como leitor, nem o debate nem a manifestação do engajamento seriam possíveis.

Benedetti comentou que o debate com Vargas Llosa foi difícil, ainda que acredite ter se resumido a uma troca de ideias, sem ofensas ou rebaixamentos (Jarque, 1984;

²⁶ No original: “La influencia que tuvieron los existencialistas franceses en mi adolescencia, y en especial Sartre, fue enorme. [...] Muchas de las cosas que creí gracias a ellos ahora se me han borrado y hasta las detesto, pero no la idea sartriana de que el escritor debe comprometerse – *s'engager* –, y no perderse en la fantasía, procurando dar la batalla ideológica y política aquí y ahora. [...] yo siempre he creído en ‘el compromiso’ del escritor y este ha estado representado en mi vida por el periodismo”.

Campanella, 2020). Ao que tudo indica, foi o último momento público em que um se envolveu com o outro, nessa categoria de enfrentamento. Mas segundo já se apontou, tratou-se de um confronto que pôs diante dos olhos duas visões de mundo ideológica e contextualmente opostas (esquerda/direita, revolução/liberalismo, URSS/Estados Unidos), à sua maneira, profundamente engajadas, pessoalmente livres, interpretando Sartre como o momento permitiu.

Após o cansaço que preencheu aquelas páginas do *El País*, na agonia final de suas manifestações, Vargas Llosa (1984b, n.p.) questiona seu *tocayo*: “O resto é literatura?”.²⁷ Ao que Benedetti (1984b, n.p.) lhe responde, em suas últimas linhas: “O resto é, de fato, literatura, ainda que seja tão boa quanto a de Mario Vargas Llosa”.²⁸

Através desse recurso final, o elogio que se impõe sobre os *agravios*, ambos parecem transmitir a mensagem de que o debate encerrou, demonstrando que para além daquilo que visivelmente os separa, unem-se uma vez mais a Sartre (2015, p. 29) para “exclamar, com a alma tranquila: ‘Tudo isso não passa de literatura’”, mas se a escrita precisamente une autor, obra e leitor, isso significa que o engajamento é um compromisso que se mantém mesmo quando a escrita é provisoriamente suspensa.

Considerações Finais

Campanella (2020) narra que, em abril de 1985, Mario Benedetti retorna ao Uruguai, enfrentando agora o processo de *desexílio* – palavra que inventou para confrontar a ideia do exílio. Enquanto este se manifesta como decisão tomada por outros contra alguém, aquele é a decisão de alguém a seu próprio favor (Jarque 1984).

Antes disso, em fins do ano anterior, publica um livro reunindo os artigos no *El País* até 30 de outubro de 1984.²⁹ Esse não será o fim de sua colaboração com o jornal, segundo se indicou acima. Mas o retorno significa não apenas o fim da ditadura em seu país e a restauração da democracia, como o retorno ao conhecido, ao familiar. Uma volta vitoriosa e dolorosa ao mesmo tempo em que o ar da liberdade pôde novamente ser respirado até que o fosse pela última vez em 17 de maio de 2009.

Segundo Williams (2014), os anos de 1984 e 1985 foram de intensa atividade para Vargas Llosa, pois teve de fazer viagens pelo seu continente, pela Europa e os Estados

²⁷ No original: “¿Lo demás es literatura?”

²⁸ No original: “Lo demás es (efectivamente) literatura, aunque sea tan buena como la de Mario Vargas Llosa”.

²⁹ O artigo de Jarque (1984) comenta a publicação e trata da ideia de *desexílio* em entrevista com Benedetti.

Unidos para promover sua obra e realizar leituras. Esse pode ser um dos motivos para sua demora em responder Benedetti, justificada logo no início de seu primeiro artigo.

Nos anos seguintes, o escritor peruano manterá uma rotina marcada pelo envolvimento no debate sobre a política latino-americana, por diversos compromissos públicos e uma disciplinada produção literária, destacando-se o fato de que em 2010 será laureado com o Nobel de Literatura pela maneira como tratou tanto da manifestação social do poder quanto das formas possíveis de os indivíduos resistirem a ele (Nobel Prize, 2010).

A morte e a ausência do *tocayo* não lhe passou despercebida, conforme anunciou e descreveu no *El País* (Vargas Llosa, 2019b). Ao mesmo tempo, essa ausência irreparável representa o encerramento de um confronto marcado pela defesa insistente das suas convicções, bem como de seu entendimento sobre o compromisso do escritor a partir das linhas teóricas estendidas por Sartre. Importante mencionar que este debate é comentado na imprensa de língua espanhola até os dias de hoje, segundo demonstram matérias publicadas em 2020, ano do centenário de nascimento de Benedetti, como a de Daza (2020).

Para além do que manifestaram nos quatro artigos do *El País*, ambos trataram daqueles argumentos em outras publicações, evidenciando como o conceito sartriano esteve e seguiu estando presente em sua escrita, literária ou não, sem se esquivarem de se posicionar a respeito.

De fato, o debate entre Benedetti e Vargas Llosa foi sobre as ideias e as visões que cada um tinha da realidade, do seu aqui e agora, do presente, da América Latina, de liberdade e democracia, de ditadura e repressão, e uma série de outros temas discutidos, mas também foi um momento de manifestação precisa do que significa ser engajado como escritor – “mediador por excelência” (Sartre, 2015, p. 67), projetando para o leitor aquilo que emana de sua subjetividade –; não deixando de incluir aí as divergências e contradições de interpretação tanto de um quanto de outro.

Referências

BENEDETTI, Mario. Ni corruptos ni contentos. *El País*, 8 abr. 1984a. Disponível em: https://elpais.com/diario/1984/04/09/opinion/450309610_850215.html?event_log=oklogin. Acesso em: 13 fev. 2023.

_____. Ni cínicos ni oportunistas. *El País*, 17 jun. 1984b. Disponível em: https://elpais.com/diario/1984/06/18/opinion/456357613_850215.html. Acesso em: 13 fev. 2023.

_____. *El desexilio y otras conjeturas*. Madrid: Ediciones El País, 1984c.

BORON, Atilio A. *El hechicero de la tribu: Mario Vargas Llosa y el liberalismo en América Latina*. Ciudad de México: Edicionesakal México, 2019.

_____. *El sueño del marqués: Mario Vargas Llosa, una pluma al servicio del imperio*. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2021.

CAMPANELLA, Hortensia. *Un mito discretísimo: la biografía de Mario Benedetti*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2020. *e-book*.

CARNEIRO, Beatriz; BERNARDES, Vinícius; LOPES, Léo. Nobel de literatura, Vargas Llosa diz que prefere Bolsonaro a Lula. *CNN*, 15 maio 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/nobel-de-literatura-vargas-llosa-diz-que-prefere-bolsonaro-a-lula/>. Acesso em: 19 fev. 2023.

CHARLES, Frédéric. Japão: primeiro-ministro ordena investigações de seita Moon, acusada de ligação com o poder. *G1/Globo*, 17 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/10/17/japao-primeiro-ministro-ordena-investigacao-de-seita-moon-acusada-de-ligacao-com-o-poder.ghtml>. Acesso em: 19 fev. 2023.

COLOMINAS, Norberto. El escritor uruguayo Mario Benedetti, en Madrid. *El País*, 4 mar. 1980. Disponível em: https://elpais.com/diario/1980/03/05/cultura/321058801_850215.html?rel=buscador_noticias. Acesso em: 9 fev. 2023.

COSTA, Adriane Vidal. Vargas Llosa: um intelectual latino-americano entre Sartre e Camus. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, Ano I, Número I, p. 1-11, jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10352>. Acesso em: 9 fev. 2023.

DAZA, Baltazar. La pelea literaria entre Benedetti y Vargas Llosa que sacó al baile a Neruda, Sabato y Carpentier. *La Tercera*, 5 maio 2020. Disponível em: <https://www.latercera.com/culto/2020/05/05/la-pelea-literaria-entre-benedetti-y-vargas-llosa-que-saco-al-baile-a-neruda-sabato-y-carpentier/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

DOMÍNGUEZ, Nicanor. Recordemos el año 1990: elecciones, la primera vuelta. *Asociación SER*, 16 maio 2021. Disponível em: <https://www.noticiasser.pe/recordemos-el-ano-1990-elecciones-la-primera-vuelta>. Acesso em: 19 fev. 2023.

EL PAÍS. Buscador. Disponível em: <https://elpais.com/buscador/>. Acesso em: 9 fev. 2023a.

_____. História de El País. Disponível em: <https://escuela.elpais.com/historia-de-el-pais/#:~:text=EL%20PA%20C3%8DS%20est%20C3%A1%20presente%20en,la%20vocaci%C3%B3n%20global%20del%20peri%C3%B3dico>. Acesso em: 19 fev. 2023b.

GANTT, W. Horsley. Ivan Pavlov. *Encyclopedia Britannica*, 22 set. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ivan-Pavlov>. Acesso em: 10 fev. 2023.

JARQUE, Fietta. Mario Benedetti y la teoría del desexilio. *El País*, 15 dez. 1984. Disponível em: https://elpais.com/diario/1984/12/16/cultura/471999607_850215.html?rel=buscador_noticias. Acesso em: 13 fev. 2023.

NOBEL PRIZE. The Nobel Prize in Literature 2010. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2010/summary/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). *Diccionario de la lengua española*. Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 11 fev. 2023.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOUZA, Thana Mara de. Arte na filosofia de Sartre: tensão entre imaginação e engajamento. *Kínesis*, Vol. VIII, n. 18, p. 272-296, dez. 2016. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/19_thanamarasouza.pdf. Acesso em: 20 fev. 2023.

UNIVERSAL PEACE FEDERATION. Rev. Dr. Sun Myung Moon, 1920-2012. Disponível em: <https://www.upf.org/founders/rev-dr-sun-myung-moon>. Acesso em: 19 fev. 2023.

URDACI, Alfredo. El caso Padilla, las purgas de Fidel Castro y “La mala memoria”. *Fanfan*, 20 set. 2022. Disponível em: <https://fanfan.es/el-caso-padilla-y-la-mala-memoria/>. Acesso em: 11 fev. 2023.

VARGAS LLOSA, Mario. Entre tocayos/1. *El País*, 13 jun. 1984a. Disponível em: https://elpais.com/diario/1984/06/14/opinion/456012017_850215.html. Acesso em: 13 fev. 2023.

_____. Entre tocayos/y 2. *El País*, 14 jun. 1984b. Disponível em: https://elpais.com/diario/1984/06/15/opinion/456098414_850215.html. Acesso em: 13 fev. 2023.

_____. Vargas Llosa y la secta Moon. *El País*, 9 ago. 1986. Disponível em: https://elpais.com/diario/1986/08/10/opinion/524008806_850215.html. Acesso em: 22 fev. 2023.

_____. *O chamado da tribo: grandes pensadores para o nosso tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019a.

_____. Mario Benedetti: cien años. *El País*, 3 ago. 2019b. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2019/08/01/opinion/1564677892_107221.html?rel=buscador_noticias. Acesso em: 9 fev. 2023.

_____. Biografía. Disponível em: <http://www.mvargasllosa.com/biograf.htm>. Acesso em: 11 fev. 2023.

WILLIAMS, Raymond Leslie. *Mario Vargas Llosa: a life of writing*. Austin: University of Texas Press, 2014. *e-pub*.